



O RECONHECIMENTO DO GÊNERO COMO UMA RELAÇÃO DE PODER NA GEOGRAFIA

Stéfany Pereira

stefanypereira97@gmail.com¹

Mariana Farina Golinski

marianafarinagolinski@gmail.com

Resumo

O presente artigo tem como propósito relatar a prática realizada com os pibidianos de Geografia, que estão atuando em duas escolas públicas do município de Erechim, RS. O principal objetivo da prática é a abordagem do tema gênero de uma forma inteligível, transparente e sem tabus. Na revisão bibliográfica foi abordado questões relacionadas aos conceitos de gênero, poder e espaço. Estas se mostram importantes tendo em vista a prática feita com estudantes do Pibid. A atividade diz respeito a gênero e suas relações dentro da Geografia pretendendo uma abordagem equilibrada destes temas em sala de aula. Em relação à prática, essa se dá com uma turma de pessoas, sendo que todas essas ficam em uma fileira horizontal, essa prática já é conhecida como dinâmica dos privilégios, nesse caso elaboramos perguntas apenas relacionadas à gênero. Obtivemos como resultado final pibidianos homens à frente de todas as pibidianas mulheres, com isso conseguimos elaborar uma conclusão que harmonizasse os principais conceitos tratados neste artigo.

Palavras-chave: Espaço geográfico,.Iniciação à docência,.Bibliografia Feminina.

Introdução

O presente artigo foi pensado e desenvolvido no subprojeto de Geografia-Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) *campus* Erechim no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), que, segundo a plataforma online do Ministério da Educação (MEC), consiste em antecipar o vínculo entre os futuros mestres e as salas de aula da rede pública. A intenção do programa é aproximar as secretarias estaduais e municipais de educação e as universidades públicas a favor da melhoria do ensino nas escolas públicas, e ainda consiste em suas principais abordagens: incentivar a formação no âmbito acadêmico voltada às licenciaturas; elevar a qualidade dos discentes; promover uma integração

¹ Universidade Federal da Fronteira Sul – *Campus* Erechim. Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID. O trabalho é produto de Iniciação Científica.

entre nível superior e básico da educação assim possibilitando novas experiências e integrando o(a) educando(a) da universidade no ambiente escolar a fim de melhor entender esse cotidiano.

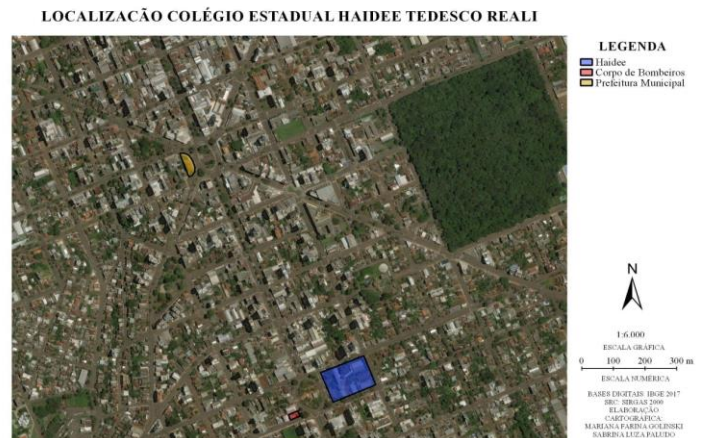
Diante desses principais objetivos a temática proposta foi a de montagem e aplicações de oficinas pedagógicas nas escolas, no qual seriam enfatizadas situações comuns do dia a dia. Os temas então foram divididos entre os discentes do PIBID para posteriormente pensar nas metodologias. As instituições que receberam esse subprojeto foram: Colégio Estadual Haidée Tedesco Reali e Colégio Estadual Professor Mantovani, localizadas no centro da cidade de Erechim. Uma dinâmica, enquanto possibilidade observação e reflexão em torno de divergências de perspectivas de vida em um pequeno espaço, como a sala de aula

Figura 01: Mapa de localização do Colégio Estadual Professor Mantovani



Elaboradoras: GOLINSKI, MARIANA FARINA. PALUDO, SABRINA LUZA. PEREIRA, STÉFANY

Figura 02: Mapa de localização do Colégio Estadual Haidee Tedesco Reali



Elaboradoras: GOLINSKI, MARIANA FARINA. PALUDO, SABRINA. LUZA. PEREIRA, STÉFANY

As questões apresentadas cercearam entre falar de gênero e, mais especificamente, sobre mulheres, bem como a sociedade quer que estas se comportem, explicando tais relações intrínsecas a geografia e do poder social. Tal estudo surgiu a partir de uma prática pedagógica primeiramente para os(as) pibidianos(as) do subprojeto Pibid - Geografia, UFFS Erechim (RS). Até o momento de escrita do artigo, a prática não fora concluída com os e as estudantes por motivos de logística e cautela, por conta de o gênero ser um tema tão polêmico no âmbito escolar, foi preferido uma avaliação com os e as professoras das escolas para então proceder com a aplicação da mesma.



Antes de começar a falar sobre gênero e a relação deste com a Geografia, é importante que se entenda claramente a natureza do conceito, onde uma das principais contribuições ao debate é da filósofa Judith Butler. Outra autora e filósofa famosa é Simone de Beauvoir, responsável pela frase “*Ninguém nasce mulher, torna-se mulher.*”, mas o que Simone queria dizer com tornar-se mulher?

As bibliografias que discutem gênero, datam a popularidade deste termo com o movimento feminista e, segundo Joan Scott, as feministas começaram a utilizar a palavra "gênero" mais seriamente, num sentido mais literal, como uma maneira de se referir à organização social da relação entre os sexos (1990, p.72).

Atualmente, percebe-se muitas mudanças neste cenário, visto a própria iniciativa dada por este artigo em se debater tais questões. Por conta destas questões apresentadas, propõe-se o estudo de caso do Colégio Haidée Tedesco Reali para a posterior análise de como abordar o tema gênero em sala de aula e, principalmente no ensino de geografia.

Resgate histórico: a mulher na sociedade

Na historicidade, perpassando por vários anos, décadas, séculos e milênios, as mulheres sempre tiveram muitos papéis e denominações pressupostas e pré-estabelecidas na sociedade:

A representação do feminino esteve, no decorrer da história, quase sempre associada a imagens dicotômicas. Frágil ou forte, vítima ou culpada, santa ou pecadora, a mulher aparece na história prioritariamente através do olhar masculino, sendo as figuras de Eva e Maria os principais referenciais simbólicos dessa oposição, na sociedade ocidental. (VASCONCELOS, 2005, p.01)

O homem deve dominar a mulher, pois esta é oriunda dele e não o contrário (VASCONCELOS, 2005, p. 03). Percebe-se a existência de uma relação de poder entre gêneros, desde os escritos bíblicos. Essa relação de poder e de ocupar espaços na sociedade sempre foi remetida aos homens. Se o poder não fosse notável e trouxesse consigo *status* e questões palpáveis de superioridade, os homens jamais receariam as mulheres a ocuparem seus lugares. Na Grécia Antiga, as mulheres eram consideradas subcidadãs, conceito este cunhado anteriormente por Souza (2003), não podiam participar de reuniões públicas e decisões importantes para a sociedade, ou tão bem quanto ocupar um cargo de poder em Atenas:

Embora a posição das mulheres variasse em cada cidade, em cada âmbito cultural, é fato que elas permaneceram à margem da vida pública, sem direitos

à participação política, restringidas em seus direitos individuais, tuteladas e dominadas por homens que consideravam o lar, o espaço doméstico, como o único apropriado ao gênero feminino. (GUARINELLO *apud* MESQUITA 2005, p.23 *apud* CARVALHO, 2011, p.144).

Remetendo ao papel da mulher na sociedade um pouco mais à frente na linha histórica, temos o exemplo da Revolução Francesa que foi um dos maiores -se não o maior- pontapé inicial para as lutas femininas. Carvalho (2011, p.147) afirma que durante a revolução, existia uma ideia de igualdade, porém, com um viés e estrutura masculino e patriarcal, ou seja, se ansiava pela igualdade, mas para quem? Souza, I. (2003) expõe que, na Revolução Francesa o que se exigiam eram direitos jurídicos, contudo o autor ressalta que as mulheres foram impedidas de conquistar a igualdade política. Souza, I. (2003) ainda comenta que as mulheres francesas, independente da classe social e econômica tinham ambições de lutas iguais, sendo elas: quebrar com os costumes antigos e patriarcais da sociedade do Antigo Regime e abolir o idealismo feminino iluminista, ou seja, a mulher com uma inferioridade intelectual e física.

Após esse pontapé da Revolução Francesa na Europa, vários movimentos femininos e feministas² foram surgindo em escala global, de distintas formas e contextos, entretanto, o que todos movimentos ansiavam e anseiam era um mundo e uma sociedade mais justa, igualitária e democrática para ambos os gêneros.

Segundo Narvaz e Koller (2006), a primeira onda do feminismo nasce de um movimento liberal, de mulheres majoritariamente da classe burguesa que lutavam por direitos civis, políticos e educacionais. A segunda onda do feminismo, ressurge em 1960 - 1970 nos Estados Unidos e na França. As mulheres estadunidenses e francesas não lutavam pelas mesmas questões, porém, ainda assim lutavam por direitos iguais que aos homens. A terceira e última onda do movimento feminista está mais ligada a subjetividade, ou seja, concentra-se nas diferenças, e o estudo sobre mulheres torna-se mais amplo e alia-se aos estudos de relações de gênero. Essa fase do feminismo tem como desafio pensar a igualdade e as diferenças entre o masculino e feminino. Os movimentos políticos, principalmente nas universidades

² Para mais informações sobre o conceito de feminismo, recomendamos o livro *O Que é Feminismo* das autoras Branca Moreira Alves e Jacqueline Pitanguy.



intensificaram-se, visto que, a academia começou a compor muitas produções e leituras acadêmicas voltadas a esse tema.

Dentro da academia, conforme André (1990), o gênero foi incorporado na Geografia por geógrafos e, na maioria dos casos geógrafas, tendo como necessidade evidenciar que a organização social e territorial abarca diferenças consideráveis entre homens e mulheres e que a relação entre ambos é um fator de extrema importância no que diz respeito a estruturação de elementos importantes.

Gênero e geografia

Simone de Beauvoir resume o significado da palavra gênero quando ela afirma que ninguém nasce mulher, mas que se torna mulher. Isso significa que seres humanos nascem machos e fêmeas (no sentido bruto das palavras) e com o decorrer do tempo se tornam ou homens ou mulheres.

A luta das mulheres é reconhecida na conquista de vários direitos, a educação, por exemplo. É constatado a importância do movimento feminista no Brasil e no mundo, mas por quê e onde o gênero se associa com a geografia?

A Geografia pode ser entendida, assim, como a disciplina da confluência de muitas outras que permite, através de uma metodologia própria, a compreensão integrada das realidades sociais. É nesta perspectiva que à questão do gênero se enquadra na investigação geográfica. (ANDRÉ, 1990, p.335)

Entendendo o gênero como uma:

definição cultural da conduta entendida como apropriada aos sexos numa sociedade dada e numa época específica. (...) É um disfarce, uma máscara, uma camisa de força na qual homens e mulheres dançam a sua desigual dança. (Lerner, 1990, p. 339 *apud* Pereiro 2004/2005 *apud* Silva et al 2005).

Interpretar o espaço como o objeto de estudo da geografia significa entender a conduta de homens e de mulheres na interferência das relações socioespaciais, ou seja, o gênero pode sim sustentar uma mediação direta para/com a ciência geográfica. É importante então pensar analiticamente o conceito de gênero e de suas relações intrinsecamente as próprias relações socioespaciais ocorridas no âmbito da geografia no espaço escolar.

O espaço escolar é entendido como um ambiente diverso, Junks e Silva (2009, p. 164) *apud* Costa (2011, p.77) afirmam que a escola não é um espaço neutro, destituído dos valores

sociais reinantes; pode-se afirmar que, através de seu papel disciplinar, a escola marca com mais evidência as desigualdades de gênero, raça e sexualidade. Essa não neutralidade da escola acarreta em evidências de desigualdades muito presentes e, conseqüentemente as relações de poder se inserem de alguma forma dentro destas.

O poder

Quando se fala em poder, a primeira relação que se faz é para/com o Estado. De certa forma as mentes foram educadas para fazer essa relação, enquanto uma forma de coerção. No entanto, a palavra poder pode se relacionar com tantas interpretações e conceituações que se torna de imensa importância entender de que poder é tratado.

Assim como Michel Foucault escreve em seu livro *Microfísica do Poder*, é reiterada a importância do Estado como participante do poder, contudo não é apenas essa relação que é feita. O autor propõe o poder como sendo uma prática social, ou seja, o poder não precisa ser alguém e/ou estar infiltrado em algo, o poder simplesmente é e está em todos os lugares, o que altera as relações, as práticas e o modo como a sociedade é organizada.

O poder, nome comum, se esconde atrás do Poder (com P maiúsculo), nome próprio (RAFFESTIN, p.52). Com essa afirmação, Claude Raffestin reconhece a confusão feita com as palavras poder e estado e ainda reitera a diferença entre esses e a complexidade que existe na “tradução” do poder. Ainda em seu livro *Por uma Geografia do Poder*, Raffestin manifesta familiaridade com Foucault e usufrui muito de seus estudos e conceitos.

Outrossim, Raffestin e Foucault admitem que o poder se manifesta na circunstância das relações, além disso, Raffestin alega que sendo co-extensivo de qualquer relação, torna-se inútil distinguir um poder político, econômico, cultural etc. Sendo toda relação um lugar de poder (RAFFESTIN, p.53).

Tendo em vista que as questões de gênero são realçadas no espaço escolar e que o poder se manifesta nas nossas relações e organizações, logo, fora pensado na apresentação de uma dinâmica que tivesse a capacidade de abarcar todas as questões

Prática: dinâmica dos privilégios



A ideia da prática da dinâmica dos privilégios surge a partir de várias propostas presentes na Internet³. A princípio, a prática aparece pronta com perguntas desenvolvidas que tratam sobre colorismo, machismo, sexismo, condição econômica, porém, estas foram refinadas para que se tratassem apenas de privilégios de gênero e em uma linguagem mais acessível para os(as) educandos(as) do ensino básico e médio.

No início da prática, um vídeo de 30 segundos foi exposto para os(as) pibidianos(as). Este é uma produção da ONU Mulheres em parceria com a Rede Globo, no qual, o mesmo aborda as diversidades e desigualdades enfrentadas pelas mulheres em relação aos homens no dia a dia, seja com salários desiguais ou até mesmo o próprio machismo estrutural enraizado e instalado. Posteriormente, o grupo começa um pequeno debate acerca de algumas pontuações feitas no vídeo no âmbito de igualdade: a luta pelos direitos e deveres; oportunidades; divisões de tarefas; cargos e salários condizentes e respeito às diferenças.

Em seguida, ocorreu um debate mais descentralizado entre alguns e algumas pibidianos(as), levantado uma questão pelos(as) participantes, que seria importante analisar o modo em que as pessoas se expressam, ou seja, a entonação posta sobre as críticas recebidas para qualquer tema. Seguindo essa linha, uma frase foi passada para o público, esta diz o seguinte: *“Vivemos numa geração de pessoas emocionalmente fracas. Tudo tem que ser abafado porque é ofensivo, inclusive a verdade”*. O objetivo da utilização da frase foi a reflexão dos(das) presentes sobre os aspectos sociais da comunidade. A partir disso, o grupo questionou quem era a favor da colocação da frase e por quê. Alguns e algumas presentes concordaram com a sentença e expuseram suas pontuações. A maioria comentava sobre tudo ser levado a sério, desde piadas até comentários. Um dos apontamentos foi a grande sensibilidade e fragilidade que essa geração demonstra, que tudo o que é comentado/falado/passado deve ser de forma cautelosa.

A partir de experiências compartilhadas por mulheres das áreas das exatas (engenharias, matemática, física...) para explicar como elas estão inseridas em seus cursos e os desafios que estão postos e são enfrentados diariamente pelas mesmas, interligando com a base científica presente nesse artigo. Posteriormente, iniciou uma breve análise sobre os privilégios, abrindo

³ What is privilege? Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=hD5f8GuNuGQ&fbclid=IwAR3clwiOBHzmoW3w9s3MWNZLz1hiDrS44tof9ARhtDZdAa4UTo-qLVGnhOE>> Acesso em: 14 mar. 2019

novamente a palavra tendo como pergunta “*O que são privilégios?*”, não obtivemos respostas e introduziu-se uma breve explicação teórica sobre o conceito de privilégios, destacando que ter privilégios não significa ser melhor ou pior, apenas que é necessário a conscientização que eles existem, e se faz essencial falar sobre. Após essa reflexão introdutória, perguntas foram feitas, as quais tiveram enfoque na desigualdade de gênero, voluntariaram-se cinco homens e cinco mulheres enfileirados em linha horizontal, o primeiro critério foi que as mulheres começassem um passo atrás dos homens afinal as diferenças são impostas desde o nascimento. As perguntas feitas foram : *Quem é homem e se reconhece como um pode dar um passo para frente; Quem é mulher e se reconhece como uma pode dar um passo para trás; Se você se sente confortável em andar por conta própria em qualquer horário (dia ou noite) sem medo de ser violentado(a) fisicamente e/ou psicologicamente pode dar um passo para frente; Sem pensar em condição econômica, quem de vocês viajaria sozinho(a) sem pensar em violências pode dar um passo para frente; Se alguém já fez uma piada relacionada a seu gênero, dê um passo para trás, Se você já foi chamado de incapaz de fazer algo por causa do seu gênero, dê um passo para trás -exemplo, você é incapaz de entender mecânica de carro; você é incapaz de entender futebol; Se você nunca foi questionado se gosta mesmo de determinado esporte dê um passo para frente; Se você já foi chamado de frágil e sensível, dê um passo para trás; Se você é quem faz o serviço doméstico em casa, dê um passo para trás; Se você já foi questionado sobre a roupa que estava usando, dê um passo para trás. -exemplo, você vai mesmo sair de casa com essa roupa?; Se você já ouviu a frase “vai dar trabalho para o seu pai” dê um passo para trás; Quem nunca sofreu uma repressão perante a sua aparência física, dê um passo à frente; Se você nunca teve que se auto reafirmar perante a alguém relacionado a qualquer coisa dê um passo à frente. Ex: Você gosta mesmo de futebol? Então me diz o que é impedimento; Se o seu comportamento (e, em especial seu erros) são raramente atribuídos a seu gênero, dê um passo à frente; Se acha que nunca perdeu emprego ou oportunidade somente por seu gênero, dê um passo à frente.*

Diante disso, cada passo para frente significava um “privilégio”. Como era previsto, os homens ficaram à frente de todas as mulheres. Finalizou-se fazendo com que eles(as) olhassem como a diferença era real e significativa, enfatizando que a desigualdade existe sim e que é

necessário debater sobre ela para que essa realidade mude, e retomamos a fala de que os privilégios existem e não os fazem ninguém melhor ou pior com ou sem eles.

Figuras 03 e 04: Prática da dinâmica dos privilégios com pibidianos e pibidianas



Fotografia: PEREIRA, A. M. O, 2019.

Considerações finais

Fazendo um aparato histórico, percebemos a inferioridade das mulheres em relação aos homens na sociedade geral. Com isso, diversas filósofas, geógrafas, historiadoras, cientistas sociais etc, começaram a desenvolver seus estudos sobre gênero. Dispondo deste como variável importante no que diz respeito as relações espaciais, o artigo se propôs a desvendar esse conceito dentro da Geografia e, principalmente, na escola.

Outrossim, afirmamos a necessidade de se pensar uma sociedade mais evoluída nos quesitos que envolvem o gênero e as relações de poder, para tal, escolhemos o espaço escolar como construtor de conhecimento, contudo reprodutor de desigualdades e nossa prática tencionou-se na averiguação destes fatos.

Quanto a prática, percebemos que a reflexão foi posta, tanto implícita quanto explicitamente. O grupo participante da dinâmica trouxe, ponderações a respeito das posições de inferioridade das mulheres em relação aos homens na atividade exercida.

É importante ressaltar que, a escala de observação se faz muito pequena, porém, esta pode ser aumentada em qualquer situação socioespacial (algumas questões podem ser levadas em consideração para a prática: colorismo, condição econômica, a própria identidade de gênero e orientação sexual, entre várias outras).

Dessa forma, constatamos na prática que esta é uma forma didática e lúdica para abordar o tema gênero em sala de aula, que se faz hoje em dia um assunto muito polêmico, mas essencial para construir uma sociedade pensante acerca destes problemas que estão postos há tanto tempo nesse sistema patriarcal e machista.

Referências bibliográficas

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jaqueline. **O que é feminismo?** São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1991.

ANDRÉ, Isabel Margarida. O gênero e geografia: introdução de um novo tema. **Finisterra**, Lisboa, v. 50, p.331-348, jan. 1990.

AS/IS. **What is privilege?** 2015. (03m59s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hD5f8GuNuGQ&fbclid=IwAR3clwiOBHmzmoW3w9s3MWNZLz1hiDrS44tof9ARhtDZdAa4UTo-qLVGnhOE>> Acesso em: 14 mar. 2019

BRASIL, Mulheres Onu. **Direitos iguais:** Dia internacional das mulheres 2017. 2017 (00m30s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KhmlRByxRnA&fbclid=IwAR1auExKu0zfUux1ToYAfY0PVmdQGOZ51TXi2bx-dwOGhgmGGMRDQCfJN6A>> Acesso em: 14 mar. 2019

BRASIL. **PIBID - Apresentação.** Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/pibid>>. Acesso em: 28 mar. 2019.

CARVALHO, Débora Jucely. A conquista da cidadania feminina. **Saber Acadêmico**, Presidente Prudente, n. 11, p.143-153, jun. 2011.

COSTA, Carmen Lúcia. A Presença e Ausência do debate de gênero na geografia do ensino fundamental e médio. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 2, n. 2, p.76-84, dez. 2011.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder.** Brasil: Graal, 2008.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 3, p.647-654, set/dez. 2006.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder.** São Paulo: Ática S.a., 1993.

SCOTT, Joan. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, S.l., v. 15, n. 2, p.71-99, dez. 1990.

SILVA, Glauce Cerqueira Corrêa da et al. A mulher e sua posição na sociedade: da antiguidade aos dias atuais. **SBPH**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p.65-76, jan. 2005.



SOUZA, Itamar de. A mulher e a revolução francesa: participação e frustração. **Uni-rn**, Natal, v. 2, n. 2, p.111-124, jan/jun. 2003.

SOUZA, Jessé. **A construção social da subcidadania**: para uma sociologia política da modernidade periférica. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2003. 212 páginas.

VASCONCELOS, Vânia Nara Pereira. Visões sobre as mulheres na sociedade ocidental. **Ártemis**, João Pessoa, v. 3, p.1-10, dez. 2005.